

VEÍCULO: Valor**Seção: Economia****Autor: Vera Saavedra Durão, do Rio****Data: 04/05/2009****Título: A grande aposta da Vale no projeto de níquel de Goro**

Apesar da crise que está levando a empresa a cortar com mais vigor produção de minério de ferro e de níquel, a Cia. Vale do Rio Doce cumprirá o cronograma do projeto Goro, localizado na Nova Caledônia, colônia francesa encravada na Oceania. O empreendimento, herdado da canadense Inco e que passou por reavaliação da Vale logo após comprar o controle da empresa em 2006, estará pronto no fim deste ano, adiantou o presidente da companhia, Roger Agnelli, ao Valor. Este é o maior investimento da Vale em níquel, de mais de US\$ 3 bilhões, para produção de 65 mil toneladas anuais de níquel refinado e de 4,3 mil a 5 mil toneladas de cobalto ao ano. Deve operar à plena capacidade só em 2012.

Na conjuntura atual de retração da demanda por minério e metais, a Vale tem focado na operação dia a dia de suas minas e demais ativos e trabalhado intensamente para reduzir custos e ajustar a produção de minério e metais ao ritmo das vendas, agora mais fracas em volume e em preços. Neste ambiente hostil, a companhia está simplificando e adiando a entrada em operação de alguns projetos, como ocorreu com o projeto de ferro-níquel de Onça Puma, no Pará, adiado em um ano. "Não adianta colocar em marcha esse projeto se não tem mercado. O ferro-níquel é fundamentalmente para aço inox. Vamos segurá-lo e retomar quando o mercado mostrar algum sinal de vida", informou o executivo.

No caso de Goro, porém, Agnelli argumentou que ali será produzido um outro produto. "É níquel e não ferro-níquel". E contou porque decidiu manter o projeto em andamento. "Na hora que ele entrar em produção vai dar uma redução de custo muito forte para a empresa como um todo, como acontece agora com Brucutu (mina de ferro em Minas Gerais). Para a gente (Vale) Goro é prioritário, pois vai entrar no mercado com muita produção e com custo muito baixo". Segundo ele, o níquel de Goro, que vai integrar todo o complexo de produção da ValeInco, será destinado a mercados mais nobres, que pagam prêmios sobre o preço, e que não sentiram tanto a recessão quanto o mercado de ferro-níquel. "Por isso, estamos acelerando o final de Goro e segurando o "start-up" de Onça Puma".

A novidade é que Goro já começou a produzir em teste, informou Agnelli. Ele confirmou que há um mês a mina teve alguns problemas e agora está corrigindo estes problemas. "Teve uma válvula que estourou e felizmente não ocorreu nada mais sério. A nova planta é muito complexa. Talvez Goro seja a planta mais complexa da indústria de níquel no mundo, por isso seu "rump-up" (evolução da operação) será de três anos".

O níquel não é o problema maior que a Vale enfrenta neste momento de fraqueza dos mercados de commodities metálicas, admitiu Agnelli. "Eu diria que o níquel tem que se adequar à demanda e sua demanda caiu fortemente, mas, em geral, nos minérios, caiu tudo. Em termos de demanda, o níquel está trabalhando com 60% a 70% da capacidade de produção. Não é tão ruim. Mas tivemos alguma formação de estoque", informou. Segundo ele, o estoque do metal parou de crescer porque a empresa tem ajustado sua produção. "Adequar a produção é importante para liberar capital de giro e o capital de giro é muito importante nesta conjuntura de crise. A Vale está trabalhando para não para não consumir caixa", afirmou.

A companhia enfrenta hoje uma ociosidade média de 30% em relação a sua capacidade instalada. Este percentual é menor que os 50% da indústria siderúrgica e outras do setor, mas é expressivo. Para evitar um aumento desta taxa a Vale monitora o dia a dia de seus projetos e torce para uma retomada da atividade o mais cedo possível. "Estamos acompanhando o dia a dia para a gente estar pronto e absolutamente preparado para uma retomada", diz Agnelli.

O executivo acredita que a indústria de mineração e siderurgia, como foram as mais afetadas no primeiro instante da crise, certamente serão as primeiras a sair dela. Ele baseia sua expectativa nos pacotes de estímulos às economias no mundo inteiro, com destaque para Estados Unidos e China, que vão estar investindo fortemente em infraestrutura que consome muito minério de ferro, níquel e cobre. "Vão investir muito em casas e todas as casas hoje têm muita coisa eletrônica, que consome muito cobre, também muita coisa de aço inox que consome muito níquel e bastante coisas de alumínio".

Com um olho na crise e outro no futuro, o presidente-executivo da Vale, que conta com um caixa de US\$ 15 bilhões, costura uma estratégia de retorno ao mercado com compras pontuais de ativos estratégicos. É o caso dos recursos de potássio adquiridos na Argentina e Canadá (da Rio Tinto), de fosfato, no Peru, a mina de carvão comprada na Colômbia, três operações de aquisição de minas de cobre na África e a mina de ferro de Corumbá, também comprada da australiana Rio Tinto.

"São ativos de alta qualidade, extremamente competitivos, que só se tem oportunidade de comprar numa situação como a atual. Essa é a estratégia que estamos tocando. Não é mais sair para crescer. É sair para adquirir ativos que se somem à nossa base e nos dê competitividade cada vez maior no médio e longo prazo", afirma.

VEÍCULO: Valor

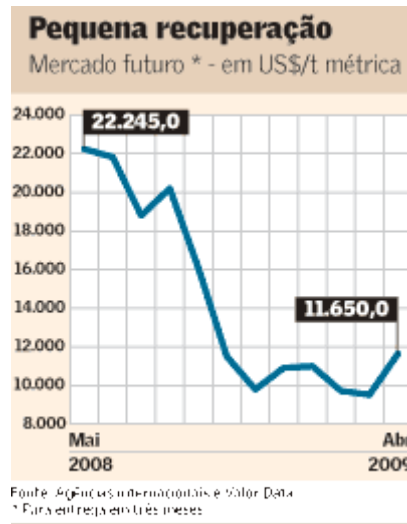
Seção: Economia

Autor: Do Rio

Data: 04/05/2009

Título: Crise arrastou metal para fundo do poço

O preço do níquel, que chegou a atingir mais de US\$ 50 mil a tonelada em meados de 2007, despencou logo no início da crise, no último trimestre de 2008, para níveis entre US\$ 9 mil e US\$ 10 mil. Adentrou 2009 com alguma recuperação, apesar da forte oscilação das cotações do metal na London Metal Exchange (LME), em Londres. Na quinta-feira, o níquel estava cotado a US\$ 11.160 a tonelada em contratos para entrega de três meses, depois de ter fechado março vendido a US\$ 9.525.



Apesar da boa sinalização, relatório elaborado pela corretora Geração Futuro sobre a Vale aponta projeção de queda de 50% nos preços do metal neste ano e com um recuo de 30% no volume vendido até dezembro. A corretora estima negócios de 195 mil toneladas de níquel para a mineradora, ante o recorde de 275,4 mil em 2008.

Todavia, o cenário da Geração para o níquel entre 2010 e 2013 é mais favorável. Neste período, ela prevê retomada forte do preço e das vendas, junto com a entrada de projetos como Goro, Onça Puma e Totten. A previsão é que até lá a produção no mundo cresça 381 mil toneladas, representando 85% da capacidade das minas da Vale. O preço esperado no longo prazo para o metal é US\$ 13,6 mil. **(VSD)**

VEÍCULO: O Globo

Seção: Economia

Autor: Bruno Rosa

Data: 07/05/2009

Título: Vendas e preços menores reduzem lucro da Vale para R\$ 3,1 bi no ano

Em reais ganho caiu 1% em relação ao 1º trimestre de 2008. Em dólar, 32%

A retração da demanda global e a queda nos preços do minério de ferro, de pelotas e de nãoferrosos fizeram a Vale, segunda maior mineradora do mundo, registrar lucro líquido de R\$ 3,151 bilhões no primeiro trimestre deste ano, recuo de 1% em relação ao mesmo período de 2008.

O resultado, no entanto, foi 29,1% maior ante o quarto trimestre de 2008, devido às reduções das despesas. Em dólar, o lucro, de US\$ 1,363 bilhão, registrou queda de 32,6% em relação ao primeiro trimestre de 2008 e foi 0,3% menor ante o fim de 2008.

A receita foi de R\$ 13,179 bilhões no primeiro trimestre deste ano, recuo de 9,4% em relação ao mesmo período de 2008. O resultado foi ainda 26,6% menor que no último trimestre de 2008, quando a companhia já havia sido fortemente afetada pela crise. Em dólar, a receita amargou queda de 32,6%, para US\$ 5,421 bilhões, em relação ao início de 2008 e recuo de 27,2% ante o último trimestre de 2008.

Segundo relatório divulgado pela Vale, “a economia global está passando pela mais profunda recessão dos últimos 60 anos”. Para analistas, o resultado foi pior que o projetado. Esperavase lucro de US\$ 1,7 bilhão e receita de US\$ 6,1 bilhões.

Para especialistas, o mais grave é a dependência da China, já que EUA e Europa, em recessão, reduziram as compras. Segundo a Vale, a importância do país na receita total passou de 14,1% para 43,6% nos últimos seis meses.

No caso de minério de ferro, pulou de 25,7% para 66,3%. A Vale ressalta que a produção está sob mudança, com o avanço de Carajás, cuja extração tem baixo custo e alta qualidade.

A empresa classificou a queda de preço do minério de ferro como “estratégia de marketing”.

O preço no início deste ano corresponde a 80% do valor referente ao ano passado.

VEÍCULO: Folha de São Paulo

Seção: Economia

Autor: PEDRO SOARES DA SUCURSAL DO RIO

Data: 07/05/2009

Título: Crise derruba venda, extração e exportação da Vale no 1º tri

Companhia anuncia lucro de R\$ 3,15 bi, queda de 1% ante o mesmo período de 2008

Na comparação com o 4º trimestre de 2008 sem o uso de novas regras contábeis, ganho tem queda de 69%; se utilizadas, alta é de 29%

A Vale sentiu a crise com mais força no primeiro trimestre. A mineradora lucrou R\$ 3,151 bilhões nos três primeiros meses deste ano, abaixo da cifra recorde de R\$ 10,4 bilhões do quarto trimestre de 2008.

Nos números apresentados em seu comunicado, a Vale ajustou o balanço do primeiro trimestre deste ano e os dos trimestres anteriores às novas regras contábeis da CVM (Comissão de Valores Mobiliários) e informou um crescimento de 29,1% no lucro no primeiro trimestre deste ano em relação ao quarto trimestre de 2008, que teve o valor revisado para R\$ 2,4 bilhões. Se comparado o resultado do primeiro trimestre com os R\$ 10,4 bilhões dos três meses anteriores (sem ajuste), a queda seria de 69%.

O objetivo central do novo modelo de balanço é limitar o efeito do câmbio e aproximá-lo às práticas contábeis dos EUA. Foi justamente o dólar que turbinou o desempenho da Vale no último trimestre de 2008.

Na comparação com o primeiro trimestre de 2008, o lucro da mineradora, sem a adaptação à nova regra, cresceu 33% graças ao preço mais elevado do minério de ferro, reajustado no segundo trimestre do ano passado. Feito o ajuste, o resultado aponta uma queda de 1%, segundo a Vale.

O impacto das novas práticas contábeis se concentra no lucro. Tanto é que o faturamento da companhia amargou retração de 26,6% ante o quarto trimestre de 2008 e ficou em R\$ 13,2 bilhões. Ante o primeiro trimestre de 2008, a queda ficou em 9,4%, sob reflexo da menor produção especialmente de minério de ferro.

Na mesma toada, o Ebitda (lucro antes de impostos, depreciações e amortizações) caiu 17% na comparação com o quarto trimestre de 2008 e somou R\$ 5,4 bilhões nos três primeiros meses deste ano.

Segundo Pedro Galdi, analista da SLW, a mineradora não repetiu o bom desempenho do quarto trimestre por causa do câmbio, já que o dólar não se valorizou no começo deste ano e deixou de impulsionar os resultados, como no fim de 2008.

Tal efeito, diz, havia compensado a redução da produção provocada pela crise, que se intensificou no primeiro trimestre deste ano. Pelos dados da Vale, a extração de minério de ferro, seu principal produto, caiu 26% ante o quarto trimestre e 37% em relação aos três primeiros meses de 2008.

Segundo a Vale, "a economia global passa pela mais profunda recessão em 60 anos", que afetou os clientes da mineradora mundo afora.

Pelos dados do balanço, as exportações da companhia recuaram 24,3% ante o quarto

trimestre. "Fora da China, a demanda por minério de ferro permanece extremamente fraca", diz a Vale.

Para driblar a crise, a Vale informou que está flexibilizando sua política de preços -ao adotar valores provisórios e descontos. A empresa demitiu 1.300 pessoas no fim do ano passado, na maioria em Minas Gerais, e os sindicatos não descartam uma possível nova onda de cortes após o fim do acordo de estabilidade de emprego, que vence neste mês.

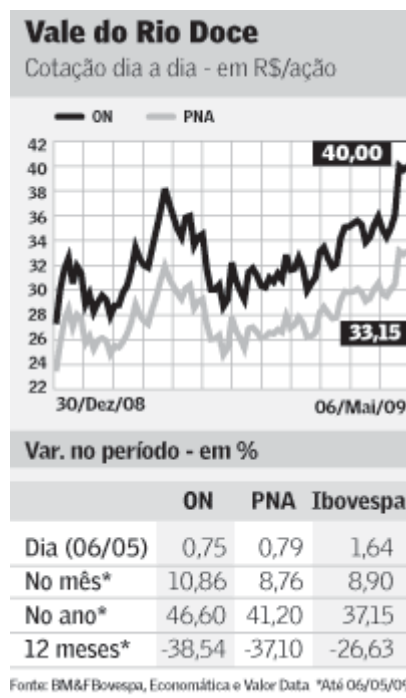
VEÍCULO: Jornal do Brasil**Seção: Economia****Autor: Sabrina Lorenzi****Data: 01/04/2009****Título: Lucro da Vale caiu 1% no 1º trimestre**

A mineradora Vale anunciou ontem que o lucro no primeiro trimestre caiu 1% em relação há um ano, ao registrar R\$ 3,15 bilhões pelas novas normas contábeis brasileiras. No primeiro trimestre de 2008, o lucro da mineradora foi de R\$ 3,18 bilhões. A empresa ajustou o lucro de R\$ 2,2 bilhões do primeiro trimestre do ano passado segundo as novas normas contábeis, como já havia feito no quarto trimestre do ano. A geração de caixa da companhia foi reduzida para R\$ 5,44 bilhões, ante os R\$ 6,63 bilhões obtidos há um ano e ajustados pela nova regra.

VEÍCULO: Valor**Seção: Economia****Autor: Por Francisco Góes, do Rio****Data: 07/05/2009****Título: Despesas reduzem em 22% o lucro operacional da Vale**

O programa de redução de custos da Vale do Rio Doce não se materializou, como era esperado por analistas de investimentos, nos resultados do primeiro trimestre.

A expectativa era que a contenção de custos e despesas operacionais, resultante de ajustes feitos pela empresa desde o fim do ano passado, aparecesse com mais força no exercício. No trimestre, a mineradora registrou lucro líquido de R\$ 3,1 bilhões, 1% abaixo do mesmo período de 2008. Mas o resultado praticamente igual ao do ano passado só foi possível porque, em 2008, a empresa teve despesa financeira maior.



O lucro operacional antes do resultado financeiro e de participações societárias foi de R\$ 4,1 bilhões no primeiro trimestre, 22% menor do que os R\$ 5,3 bilhões de igual período de 2008. Em comunicado, a empresa disse que vem desenvolvendo continuamente esforços para minimizar custos. Mas reconheceu: "Apesar de algum efeito dessas iniciativas já se refletir na performance financeira do primeiro trimestre, a maior parte do impacto esperado ainda não se materializou".

A receita operacional líquida somou R\$ 12,9 bilhões, com redução de 8% sobre os R\$ 14,1 bilhões do primeiro trimestre de 2008. O custo dos produtos vendidos (CPV) totalizou R\$ 6,8 bilhões de janeiro a março, com queda de 8,6% em relação ao primeiro trimestre do ano passado. Já a margem bruta, que considera o lucro bruto dividido pela receita, ficou em 46,8%, exatamente igual ao do primeiro trimestre de 2008.

O custo com materiais foi o principal item no primeiro trimestre, representando 21,5% do total. Esse item somou R\$ 1,5 bilhão, ante R\$ 1,7 bilhão no quarto trimestre do ano passado. "O menor volume de vendas contribuiu com R\$ 164 milhões da queda total de R\$ 198 milhões nesse item de custo", diz o comunicado. "Outros custos operacionais" alcançaram R\$ 754 milhões, um aumento de R\$ 258 milhões em relação ao quarto trimestre de 2008. A empresa apontou que houve aumento de despesas com serviços compartilhados e com outros custos nas empresas consolidadas.

Segundo a Vale, os custos das operações que permanecem ociosas, sobretudo com depreciação, pessoal e manutenção, foram registrados como "outras despesas operacionais" em lugar de contabilização no CPV por força de critérios contábeis.

A Vale também informou que ajustou os resultados trimestrais de 2008 para contemplar os efeitos das novas práticas contábeis determinadas pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM), além de viabilizar a comparação com as informações do primeiro trimestre de 2009.

Dessa forma, o lucro líquido do primeiro trimestre de 2008, que antes do ajuste tinha ficado em R\$ 2,2 bilhões, depois de adaptado às novas práticas contábeis pulou para R\$ 3,2 bilhões. A Vale já havia divulgado o resultado consolidado de 2008 de acordo com as novas regras, mas foi a primeira vez que ajustou o resultado de um trimestre do ano passado.

A mineradora informou ainda que o lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (lajida) foi de R\$ 5,4 bilhões, com queda de 18% com os R\$ 6,6 bilhões do primeiro trimestre do ano passado. "O efeito da forte redução dos custos [sobre o lajida] não foi suficiente para compensar a queda da receita", afirmou a empresa no comunicado. Segundo a Vale, o lajida foi quase todo gerado pelo segmento de minerais ferrosos, cuja participação aumentou de 51,2% no primeiro trimestre de 2008 para 95,4% no primeiro trimestre de 2009.

VEÍCULO: Gazeta Mercantil

Seção: Economia

Autor: Luciana Collet

Data: 07/05/2009

Título: Medidas de contenção de gastos mantêm lucro da Vale estável

São Paulo, 7 de Maio de 2009 - As medidas de contenção de gastos executadas pela Companhia Vale do Rio Doce desde o estopim da crise econômica internacional, em setembro, contribuíram para que a mineradora apresentasse apenas uma pequena queda no lucro líquido do primeiro trimestre, de apenas 1%, ante o resultado dos três primeiros meses do ano passado. O ganho totalizou R\$ 3,15 bilhões e foi 29% superior ante os R\$ 2,44 bilhões do quarto trimestre de 2008.

Entretanto, a geração de caixa medida pelo Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciações e amortizações) ficou em R\$ 5,44 bilhões, queda de 18% ante o apurado nos três primeiros meses de 2008 e de 17% na comparação com o quarto trimestre do ano passado.

"A Vale apresentou sólido desempenho no primeiro trimestre de 2009, apesar do impacto desfavorável da mais severa recessão global no período pós-guerra", afirmou a companhia em resultado enviado ao mercado, ressaltando a busca por flexibilidade operacional e financeira, redução dos custos e reequilíbrio dos mercados em que atua. A empresa informou que o custo dos produtos vendidos (CPV) totalizou R\$ 6,86 bilhões no primeiro trimestre, 15,3% abaixo frente o valor registrado no trimestre anterior, de R\$ 8,1 bilhões, e 8,6% inferior ao primeiro trimestre do exercício anterior, de R\$ 7,51 bilhões.

A receita operacional bruta foi de R\$ 13,18 bilhões, 26,6% menor ante os R\$ 17,94 bilhões do quarto trimestre do ano passado e 9,4% abaixo dos R\$ 14,55 bilhões de igual período de 2008. A receita com exportações apresentou alta de 10,8%, para US\$ 3,34 bilhões, na comparação com igual período do ano passado. No entanto, a receita com embarques caiu 23,9% ante os últimos três meses de 2008.

"Nosso portfólio de ativos de classe mundial, solidez financeira e a rápida resposta dada à dinâmica da recessão, nos possibilitam continuar a gerar valor ao longo dos ciclos."

A companhia realizou investimentos de US\$ 1,7 bilhão, volume semelhante ao aplicado entre janeiro e março de 2008 e abaixo dos US\$ 3,5 bilhões do trimestre anterior. A Vale previa aplicar neste ano US\$ 14,2 bilhões ao longo deste ano, mas o plano está sendo revisto, "em face das mudanças cambiais, redução de custos e alteração das condições de mercado" informou a companhia.

(Gazeta Mercantil/Caderno A - Pág. 5)

VEÍCULO: Valor**Seção: Economia****Autor: Francisco Góes, do Rio****Data: 08/05/2009****Título: Ásia ganha mais peso na exportação da Vale**

A Vale está mais dependente do mercado asiático neste início de ano, sobretudo da China. A Ásia, incluindo China, Japão e outros países, responderam por 63,3% da receita bruta de vendas da empresa no primeiro trimestre. No mesmo período do ano passado, esse percentual foi de 40,4%. Só a China aumentou a participação na receita da empresa de 17,2%, no mesmo trimestre de 2008, para 44,7% entre janeiro-março deste ano. Essa maior dependência dos asiáticos impõe desafios à empresa e preocupa analistas.

O aumento da participação da Ásia na receita da Vale compensou, em boa parte, a redução das vendas para Europa e EUA. Nesses dois mercados, importantes para a mineradora, a produção siderúrgica despencou por força da queda de demanda. A Europa, que respondeu por 23,5% da receita bruta da Vale um ano atrás, viu sua fatia no bolo cair para 15% no trimestre passado. Já os EUA, que tinham participação de 8,6%, caíram para 4,1% este ano.

Em volume, a Vale vendeu 34,6 milhões de toneladas de minério de ferro e pelotas para a China de janeiro a março, um crescimento de 42% sobre as 24,3 milhões de toneladas em igual período de 2008. Enquanto isso, os volumes para a Europa caíram 74% e para as Américas, 80%. Foi uma redução semelhante à verificada pela empresa nas vendas no mercado brasileiro, que totalizaram 3,4 milhões de toneladas ante 16,5 milhões de toneladas no primeiro trimestre do ano passado.

Fábio Barbosa, diretor executivo de finanças da Vale, disse que as importações chinesas estão subindo combinadas com reduções nas compras de outras regiões. Ele afirmou que a situação mostrou a capacidade da Vale de se adaptar à mudança radical representada pela queda de demanda nos EUA e na Europa. "Conseguimos compensar parcialmente a queda dos volumes de vendas para Europa e EUA com aumento das vendas para a Ásia", disse Barbosa. No primeiro trimestre, as vendas de minério de ferro e pelotas da Vale totalizaram 52,1 milhões de toneladas, 32% abaixo do mesmo trimestre de 2008.

O executivo também falou das discussões sobre a definição do sistema de preços do minério de ferro. Barbosa reafirmou o que o presidente da Vale, Roger Agnelli, tem dito: o sistema de referência de preços ("benchmark") é o mais adequado para a indústria de mineração e siderurgia. "Mas as circunstâncias de mercado indicam que esse não é o único sistema possível de ser usado. Outras alternativas estão surgindo e estamos prontos a usar todas as alternativas possíveis se essa for a preferência de nossos clientes."

Uma dessas alternativas é o uso de preços provisórios. Em abril, a empresa informou que estava fazendo "flexibilização das condições comerciais dos contratos de longo prazo de minério de ferro". Essa nova condição levou a empresa a vender minério com desconto provisório de 20% para as usinas chinesas com as quais tem contrato. Barbosa previu que quando a situação da economia mundial se normalizar, a participação da China na receita bruta da Vale tende a se diluir. Ele disse também que as vendas para a Ásia impõem à empresa o desafio de superar dificuldades como a distância para estar mais presente em mercados dinâmicos, particularmente a China.

Rodrigo Ferraz, da Brascan Corretora, disse em relatório que o grande aumento da participação da China nas vendas da Vale, embora positiva em um primeiro momento, eleva o risco da empresa. A razão, disse, é que não há a médio prazo expectativa de uma recuperação significativa para os mercados da Europa, EUA e Japão. O japonês, que representava 10,9% da receita bruta no primeiro trimestre do ano passado, caiu para 8,9%.

Ferraz destacou que o melhor desempenho econômico chinês em relação a outros países ficou evidente nesse resultado da Vale. "A receita bruta proveniente da China foi a única a apresentar crescimento em relação a outros mercados". Ele avaliou que o risco para a Vale de uma maior dependência chinesa a curto prazo está na possibilidade de a China montar estoques e interromper as compras de forma súbita, o que derrubaria as vendas da mineradora. "Daí a importância (para a Vale) de olhar de perto indicadores, como a produção industrial chinesa", afirmou.

VEÍCULO: Valor

Seção: Economia

Autor: Ivo Ribeiro, de São Paulo

Data: 15/05/2009

Título: Mineração ganha mais presença nos negócios da CSN

O negócio de mineração de ferro ganhou destaque no balanço do primeiro trimestre da siderúrgica CSN, divulgado ontem. Com vendas em alta, principalmente para o mercado externo, essa operação respondeu por 26% da receita líquida da companhia. O aço, cuja venda sofreu queda de 54% no período, teve sua participação reduzida para 63%.

A CSN apresentou lucro líquido de R\$ 369 milhões, menos da metade do que a empresa obteve um ano atrás, porém superior aos desempenhos das concorrentes Usiminas - divulgou prejuízo de R\$ 112 milhões - e da Gerdau, que anunciou um lucro de apenas R\$ 35 milhões. No negócio aço, a CSN enfrentou, como as suas colegas, a forte retração na maioria dos mercados consumidores de aço no país, bem como no exterior.

Os despachos de minério de ferro, da mina Casa de Pedra e da controlada Namisa (60%), alcançaram 5,4 milhões de toneladas no trimestre. Foi um volume recorde na CSN e 91% dos embarques foram destinados ao mercado externo. As vendas internas, para clientes como a antiga Cosipa (hoje divisão da Usiminas) e guseiros de Minas, tiveram forte retração com a crise econômica.

Há alguns anos, a CSN iniciou pesados investimentos em um projeto ousado para atingir produção até 2013 em torno de 100 milhões de toneladas de minério de ferro. Jayme Nicolato, diretor de mineração da empresa, informou que o montante nesse negócio alcança US\$ 3,4 bilhões. Inclui, além de Casa de Pedra, as operações no porto de Itaguaí, para embarque de ferro e outras cargas e recebimento de carvão.

Neste ano, a projeção da CSN, segundo Nicolato, é vender 29 milhões de toneladas de minério de ferro. Desse montante, a Namisa deverá responder por 16 milhões de toneladas. Em números consolidados, a siderúrgica venderia diretamente quase 23 milhões de toneladas. Um grupo de usinas japonesas e da Coreia do Sul tem os outros 40% do capital, fatia pela qual pagaram US\$ 3,08 bilhões no fim de 2008.

De acordo com o executivo, devido à retração das vendas no mercado interno, quase toda a venda terá como destino o exterior. "A Ásia é o grande comprador hoje, com o enfraquecimento de Europa e outros mercados. A China, que em 2008, respondia por 50% do mercado transoceânico, agora chega a 80%", afirmou. O produto da CSN está indo, na grande parte, para a China, os sócios do Japão e Coréia e para o Oriente Médio.

Nicolato disse que os preços praticados pela CSN com seus clientes são os de referência do mercado em 2008. "Acertamos pagamento à vista e 30% ficam para definição depois da nova negociação de preços". Conforme fontes do setor, o preço "spot" (à vista) praticado hoje está em torno de US\$ 65 a tonelada posto em portos da

China. O custo do frete Brasil-China giram em US\$ 20 a tonelada. Mas o Brasil com minério rico em teor, tem obtido prêmios de até US\$ 7 a tonelada.

A produção da companhia, em Casa de Pedra e nas minas da Namisa, está orçada em 37 milhões de toneladas neste ano. A usina de aço da CSN em Volta Redonda (RJ) deverá consumir entre 6,5 milhões e 7 milhões de toneladas. A unidade está com um alto-forno em reforma e deve operar ao nível de 75% da capacidade até o fim do ano, segundo a empresa.

O diretor informou que ainda neste ano a capacidade de produção de Casa de Pedra deve subir para 40 milhões de toneladas e a de embarque no porto para 45 milhões. A partir de 2010, a ampliação vira mais da Namisa, que tem um plano de investimento de US\$ 2 bilhões para chegar a 33 milhões de toneladas por ano, além das 6 milhões que vai adquirir de terceiros na região. Em 2012, Casa de Pedra terá mais uma unidade de 10 milhões de toneladas ao ano.

Se concretizados esses planos, a CSN formatará uma companhia que hoje seria a quarta maior do mundo, atrás de Vale, Rio Tinto e BHP Billiton. Benjamin Steinbruch, principal acionista e presidente da empresa, prevê faturamento de US\$ 4,5 bilhões nessa área.

VEÍCULO: Valor**Seção: Economia****Autor: César Felício, de Belo Horizonte****Data: 15/05/2009****Título: Usiminas fará medidas drásticas para manter rentabilidade**

Frente ao ano "de maior constrangimento econômico de toda a história da Usiminas", conforme afirmou ontem o presidente da siderúrgica mineira, Marco Antonio Castello Branco, a empresa começa a estudar medidas drásticas para garantir a rentabilidade. No balanço do primeiro trimestre de 2009, divulgado ontem, o prejuízo líquido foi de R\$ 112 milhões, o primeiro resultado trimestral negativo desde 2002. Segundo Castello Branco, a Usiminas atualmente opera com estoques elevados, da ordem de R\$ 5 bilhões, e tem como meta baixá-los para R\$ 3 bilhões até o final do ano. "O mais difícil e arriscado será trazer para o nível ajustado os estoques de coque e carvão", disse o executivo.

No caso do coque - insumo da fabricação do aço, ao lado de carvão metalúrgico -, há obstáculos técnicos para religar um equipamento produtor que venha a ser paralisado. A linha que é paralisada fica perdida. "Como no próximo ano teremos uma coqueria nova, prestes a ser concluída, estamos avaliando a conveniência de apagar uma bateria para sempre, mas esta é uma avaliação delicada", observou Castello Branco.

Para 2009, a Usiminas prevê uma queda de 20% na produção e 25% nas vendas de aços planos em comparação com 2008, ano que já foi de retração: em dezembro passado, a empresa anunciou uma diminuição de 7,5% na produção de aço bruto, que ficou em 8 milhões de toneladas e de 10,2% nas vendas físicas totais, com a comercialização de 7,2 milhões de toneladas. "Há esta queda maior na produção do que nas vendas justamente porque estamos com estoques", afirmou o vice-presidente de Finanças, Ronald Seckelmann.

De acordo com Castello Branco, a recomendação dos acionistas para este ano é a manutenção dos compromissos financeiros assumidos e de um caixa mínimo de R\$ 1 bilhão no final do exercício. A empresa continua dando sequência a seu plano de investimento, que consumirá R\$ 2,2 bilhões este ano e tem como prioridade o fornecimento para a indústria de gás e petróleo.

A empresa trabalha com um cenário de demanda mundial por aço tão deprimida este ano que decidiu manter três de seus cinco altos-fornos parados até o final do ano, mesmo reconhecendo que esta é uma decisão que gera custos para a Usiminas. "Provavelmente eles não serão reacesos este ano", disse o executivo.

No primeiro trimestre deste ano, foram R\$ 264 milhões gastos na manutenção dos fornos parados, que foram lançados no balanço como "efeitos extraordinários". Também foram lançados nesta categoria R\$ 42 milhões gastos com importações feitas no ano passado e liquidadas agora, além de R\$ 124 milhões de resultado negativo no quarto trimestre de 2008 da siderúrgica Ternium, na qual a Usiminas é sócia minoritária da argentina Techint com 14%.

Segundo o balanço divulgado pela Usiminas, a reação do mercado consumidor às diferentes medidas tomadas por vários países contra a crise econômica global ficaram "muito aquém das expectativas existentes há dois meses". A empresa teve um volume físico de vendas neste primeiro trimestre de 1 milhão de toneladas, sendo 74% direcionadas para o mercado interno. No mesmo período em 2008, haviam sido vendidas 1,8 milhão de toneladas de aço, ou 44% a mais. A receita líquida despencou de R\$ 3,5 bilhões no trimestre, há um ano, para R\$ 2,67 bilhões, ou 25% a menos. O lucro operacional desabou de R\$ 1,2 bilhão para R\$ 98 milhões na comparação dos períodos.

No universo da empresa, foram poucas exceções ao quadro negativo. A subsidiária Usiminas Mecânica, de bens de capital, teve um resultado apenas relativamente melhor ao da Usiminas como um todo. Teve queda de receita no trimestre de 20% e ainda conseguiu manter um lucro líquido, de somente R\$ 19 milhões no trimestre, ou 35% a menos do que no mesmo trimestre do ano passado.

Segundo Castello Branco, a Usiminas opera atualmente com uma capacidade ociosa de 50% do total instalado, em parte como efeito da entrada maior de aço importado. "Passamos da média histórica de 5% a 7% para 14% do consumo aparente brasileiro", disse Castello Branco, que identificou China, Rússia, Ucrânia e Venezuela como os exportadores mais agressivos.

VEÍCULO: Gazeta Mercantil**Seção: Economia****Autor: Bloomberg News****Data: 19/05/2009****Título: Vale reduz em mais de 25% gastos para 2009**

São Paulo, 19 de Maio de 2009 - A Companhia Vale do Rio Doce vai reduzir em pelo menos 25% o volume de investimentos para este ano. De acordo com o presidente da mineradora, Roger Agnelli, o plano de US\$ 14 bilhões anunciado em outubro do ano passado já está em US\$ 10,5 bilhões, à medida que os custos estão mais baixos e o real se desvalorizou. "Se fôssemos fazer todos os projetos programados para este ano, gastaríamos de US\$ 10 bilhões a US\$ 10,5 bilhões", disse.

O executivo acrescentou que a companhia anunciará no mês que vem um novo plano de investimentos para este ano.

Em 16 de abril a Vale anunciou a postergação do início das operações na mina de níquel Onça Puma, no Pará, para janeiro de 2010, devido à queda na demanda pelo metal usado como liga no aço inoxidável.

Preço do minério

Agnelli afirmou também que as conversações sobre o preço do minério de ferro se encaminham para uma conclusão. A Vale aguarda que as concorrentes BHP Billiton e Rio Tinto cheguem a um acordo com as siderúrgicas asiáticas antes de decidir os preços para o próximo ano, disse. A maioria dos clientes prefere contratos referenciais, e um acordo sobre preços será anunciado nas próximas semanas, acrescentou.

No mês passado, a mineradora lançou um desconto temporário sobre os preços para o ingrediente siderúrgico, reconhecendo a demanda fraca. "O fato de não haver nenhuma conclusão começa a preocupar a todos", disse Agnelli a respeito das conversações anuais referenciais, que existem há 40 anos. "As siderúrgicas precisam negociar com seus clientes também."

No ano passado, BHP e Rio Tinto, que produz minério de ferro principalmente na Austrália, obtiveram aumentos anuais de preços de 85% ou mais, depois que a demanda avançou, foi um nível superior aos 65% acertados com a Vale. Os preços referenciais este ano poderão cair 40% devido à demanda mais fraca por carros e material de construção, disse em março o Goldman Sachs. (Gazeta Mercantil/Caderno C - Pág. 1) (Bloomberg News)

VEÍCULO: Folha de São Paulo

Seção: Economia**Autor:** Ivo Ribeiro, de São Paulo**Data:** 20/05/2009**Título:** Aço: LLX e MMX negociam com chinesa parceria para siderúrgica no Rio

A LLX e a MMX anunciaram ontem que assinaram memorandos de entendimento com a chinesa Wuhan Iron and Steel (Wisco) para uma parceria comercial e estratégica que pode incluir a construção de usina siderúrgica integrada de 5 milhões de toneladas anuais no porto de Açu (Rio). As negociações envolvem a compra, pelos chineses, de participação acionária na MMX, fornecimento de minério pela MMX à Wisco e serviços siderúrgicos para construir navios.

VEÍCULO: O Globo**Seção: Economia****Autor:** Ivo Ribeiro, de São Paulo**Data:** 26/05/2009**Título:** Mineradora da Vale corta produção e reduz salário

RIO e TORONTO. Afetada pela crise, a Samarco, mineradora brasileira controlada em parceria pela Vale e a BHP Billiton, decidiu prorrogar a paralisação de parte de sua produção por pelo menos mais quatro meses. Além disso, a empresa também vai conceder licença remunerada aos empregados, com redução de 50% do salário.

“A categoria aprovou a proposta feita pela Samarco na última sexta-feira”, disse a empresa em nota.

Parte dos quase dois mil empregados da companhia sairá de licença remunerada a partir de junho. Os demais sairão em julho, agosto e setembro.

A licença poderá ser renovada por mais quatro meses, se a situação assim o determinar.

Segundo a nota, a queda da demanda por seu produto, pelotas de minério de ferro, determinou a paralisação de parte da produção desde novembro do ano passado e, após uma reavaliação, foi decidida a continuidade do corte de produção.

Com capacidade para 21,6 milhões de toneladas anuais, a empresa prevê fechar 2009 com dois terços desse total, ou cerca de 14 milhões de toneladas de pelotas. A Samarco exporta 100% de sua produção.

Já os funcionários sindicalizados da operação de níquel da Vale em Sudbury, no

Canadá, votaram a favor de uma greve caso as negociações trabalhistas com a companhia fracassem, disse ontem um porta-voz do sindicato.

— Houve uma votação, e 90% foram a favor de dar permissão para uma greve — disse Bob Gallagher, porta-voz do sindicato United Steelworkers, representante de cerca de 3.500 funcionários das operações de níquel e cobre de Sudbury, em Ontario.

VEÍCULO: Folha de São Paulo

Seção: Economia

Autor: CLAUDIA ROLLI DA REPORTAGEM LOCAL

Data: 26/05/2009

Título: Usiminas demite 810 até próximo sábado

Empresa diz que medida é necessária devido à baixa adesão ao PDV e por causa de retração na demanda

O grupo Usiminas iniciou, no último sábado, a demissão de 810 funcionários das unidades de Ipatinga (MG), Cubatão (SP) e da sede da companhia em Belo Horizonte (MG). Os desligamentos devem ocorrer até o próximo sábado e representam 6% do número total de empregados -ou 14.097.

Em Cubatão, a empresa demitiu 300 trabalhadores entre sábado e ontem, segundo informações do Sindicato dos Siderúrgicos e Metalúrgicos da Baixada Santista. Em assembleia realizada ontem à noite, os funcionários decidiram parar a unidade em protesto às dispensas. Na usina de Cubatão, trabalham 5.188 empregados.

O grupo Usiminas informou que, além das verbas legais, os 810 empregados que estão sendo demitidos desde o final de semana vão receber gratificações que variam de 0,10 a 1,80 da remuneração por cada ano de trabalho.

As demissões foram necessárias, segundo explicou a empresa, por causa da "severa retração na demanda por produtos siderúrgicos tanto no Brasil quanto no mercado internacional" e porque as adesões ao PDV (Programa de Demissão Voluntária) ficaram abaixo da expectativa da empresa.

O programa de desligamento, iniciado no dia 4 deste mês e encerrado na última sexta-feira, teve a adesão de 516 empregados das usinas de Ipatinga e de Cubatão e da sede da companhia. "O número de adesões ao PDV da Usiminas foi considerado aquém das

necessidades da empresa. Por isso, a siderúrgica terá que ampliar a adequação em seu quadro de pessoal."

Informou ainda que "tal medida visa reduzir os custos com pessoal ao nível histórico de 10% dos custos totais, preservando a sustentabilidade da empresa em um cenário de alta complexidade. Atualmente, a Usiminas opera com apenas metade de sua capacidade instalada e com somente dois de seus cinco altos-fornos acesos." Há duas semanas, a Usiminas informou que teve prejuízo líquido de R\$ 112 milhões no primeiro trimestre deste ano, ante lucro de R\$ 712 milhões no mesmo período de 2008.

Reação

O presidente do Sindicato dos Siderúrgicos e Metalúrgicos da Baixada Santista, Alvimir Cardoso Alves, disse ontem que a paralisação da categoria deve ser por tempo indeterminado e que vai depender do "fôlego" dos trabalhadores.

"Na reunião que tivemos na semana passada para discutir campanha salarial, ouvimos da diretoria de Recursos Humanos que a meta é cortar 1.600 funcionários em todas as unidades do grupo", afirmou.

Os trabalhadores têm data-base em maio e pedem 2% de aumento real, além de 5,83% de reposição salarial, medida pelo INPC. A empresa ofereceu 3,2% de reajuste.

VEÍCULO: Estado de São Paulo

Seção: Economia

Autor: Irany Tereza

Data: 26/05/2009

Título: Vale vende minério pelo preço à vista

Crise leva mineradora a cobrar valor abaixo do fixado nos contratos

A crise mundial, que já fez a Vale oferecer desconto provisório de 20% aos clientes, cortar investimentos em U\$ 5,2 bilhões este ano, e dispensar, em outubro do ano passado, 1.300 funcionários, empurrou a empresa, desde março, para as incertezas de preço do mercado à vista (spot). Por pressão principalmente das siderúrgicas da China - país que respondeu, no primeiro trimestre, por 66% da receita da Vale -, a mineradora tem concordado em vender seu principal insumo fora dos contratos de longo prazo, fato inédito segundo o diretor de Ferrosos da companhia, José Carlos Martins.

Diante da indefinição internacional, o executivo já admite a possibilidade de mineradoras e siderúrgicas atravessarem o ano sem a fixação de novo nível de preço para os contratos. Desde 2005, quando a Vale liderou a negociação que resultou no aumento histórico de 71,5% no preço do minério de ferro, o produto iniciou uma escalada no mercado internacional. Agora, diante da inversão de forças entre oferta e demanda, os chineses pressionam por uma redução de 40%; siderúrgicas japonesas e coreanas já acenam com a possibilidade de aceitar corte de 30% a 35%. A Vale afirma que ainda não está negociando.

Embora a mineradora brasileira já tenha comunicado a inadimplência de contratos dos chineses, ainda espera uma solução negociada - sem precisar recorrer à arbitragem internacional - enquanto aguarda a definição de preços dos concorrentes. "A Vale nunca vendeu minério de ferro no mercado spot. O mercado virou e os preços agora são provisórios. O spot é muito volátil e não há condições de servir de referência. Qualquer coisa que ocorra, um tufão na Austrália, uma enchente no Pará, pode mudar bruscamente os preços. A China está dando preferência ao spot. Mas, no momento, as soluções não são imediatas", comentou o executivo.

Hoje, o preço contratual do minério cobrado pela Vale está em torno de US\$ 70 a US\$ 75 (FOB) a tonelada. No mercado à vista, o preço, que chegou a bater US\$ 200 no ano passado, caiu para US\$ 65. No primeiro trimestre, a Vale anunciou que, por causa da situação excepcional do mercado, passou a oferecer descontos que chegavam a 20%. Reajustes para baixo são inevitáveis, estimam analistas. A questão agora é apenas de calibragem. A Vale é espectadora no processo, declara Martins. "Fizemos uma opção e a estamos seguindo." Até 2008, a Vale atuou na definição dos preços internacionais. A mineradora obteve índices históricos de reajuste no preço do produto.

Martins afirmou ainda que a Vale não deve ampliar o corte de 36,5% no plano de investimentos para este ano, como preveem analistas do setor. "Temos um plano de investimentos ainda robusto, de US\$ 9 bilhões. Isso é muita coisa, é o maior investimento privado do Brasil."

VEÍCULO: Valor

Seção: Economia

Autor: Ivo Ribeiro, de São Paulo

Data: 26/05/2009

Título: Aço importado ganha espaço nos mercados de Usiminas e Gerdau

O aço importado vem comendo cada vez mais fatias do brasileiro em algumas linhas de produtos no país. O caso de chapas grossas, material usado para fabricar máquinas pesadas, tubos e plataformas navais, é um exemplo, e afeta diretamente a Usiminas, única fabricante do produto no país. De janeiro a abril deste ano, o uso desse material representou 28% do consumo interno. Um ano atrás, no mesmo período, quando a economia mundial e a brasileira ferviam e a demanda estava em alta, esse índice era

de 11%. A Usiminas, dona de duas unidades - Ipatinga (MG) e Cubatão (SP) -, informa que tem ociosidade 50% a 60%.

De janeiro a abril de 2008, o consumo de chapas grossas no Brasil somou 609 mil toneladas, ante volume importado de 69 mil. Neste ano, com a crise, caiu 60%, para 259 mil toneladas, e o material vindo de fora subiu para 73 mil, conforme dados do Instituto Brasileiro de Siderurgia (IBS).

No grupo Gerdau, o material importado atinge principalmente suas controladas de aços especiais, Piratini e Aços Villares. A participação do chamado aço para construção mecânica e ferramenta vindo do exterior, que é aplicado em componentes para carros, caminhões, ônibus, tratores, máquinas e implementos agrícolas, subiu para 25% até abril passado. Respondeu por quase 30 mil toneladas, ante a demanda total no país de 117 mil toneladas. Essa demanda, no mesmo período de 2008, foi acima de 200 mil.

O avanço do aço importado tem como principal origem a China, informam as empresas e o IBS. A produção de aço chinesa neste ano, mesmo com a crise, cresceu de janeiro a abril, enquanto nos Estados Unidos, Europa, Brasil e outros mercados despencou de 40% a mais de 50%. A entidade e as fabricantes no Brasil asseguram que o aço chega a preços abaixo do custo de produção das usinas chinesas. "Nos valores que chegam ao país caracteriza-se uma prática desleal de comércio e aponta fortes indícios de dumping", diz Sérgio Leite, vice-presidente de negócios da Usiminas.

Segundo o executivo, a origem é visivelmente chinesa e os preços são bem inferiores aos praticados no mercado internacional, que variam entre US\$ 700 e US\$ 800 a tonelada. Ele não revelou o valor de entrada no país. Segundo fontes do setor, é abaixo de US\$ 500 a tonelada. "Mal pagaria o custo de produção", observa um especialista. Outra fonte de aço importado que ganha peso é a Ucrânia.

A penetração de material não se resume a esses dois tipos de aços e se dá de forma mais intensa nas chapas e bobinas de aços planos laminados. No consumo de bobinas a quente, aplicadas nas indústrias de autopeças, tubos, botijões de gás e em outras, a participação do aço importado quase triplicou até março, de 6,7% para 17,1%. Nos aços longos comuns, de menor valor agregado, também já se observa crescimento. É o caso dos vergalhões, cujo principal demandante é a construção civil.

"A situação do setor é grave e pode ficar mais complicada ainda se alguma medida de proteção do mercado brasileiro não for adotada pelo governo", afirma Flávio Roberto Silva de Azevedo, presidente do IBS e dirigente da V&M Brasil, uma fabricante de tubos. "Já levamos o caso a vários ministérios em Brasília: MDIC (Desenvolvimento, Indústria e Comércio), Fazenda, à ministra Dilma Rousseff, da Casa Civil, e até ao presidente Lula". Mas, lamenta ele, até o momento nenhum movimento foi dado pelas autoridades nesse sentido.

O setor observa que um primeiro sinal seria a retomada das alíquotas de importação ao nível de 12% para oito tipos de aços, entre eles chapas grossas para máquinas rodoviárias, bobinas a quente, bobinas a frio, vergalhão e barras ligadas a quente.

Desde o início de 2005 a alíquota foi zerada por pressão de consumidores que alegavam aumento de preços e problemas de abastecimento. "Isso não ocorreu, pois as usinas do país os supriram plenamente, a preços de mercado internacional, e praticamente não houve importações", informa Azevedo.

Ele lembra que as quatro siderúrgicas integradas - Usiminas, CSN, ArcelorMittal Tubarão e Gerdau Açominas - estão com metade dos seus altos-fornos parados, a maioria desde dezembro. O índice de ocupação ociosa varia de 35% a 50%. Nos aços longos, feitos por usinas movidas a fornos elétricos, também foi reduzida a capacidade de produção. Ao todo, em abril a siderurgia no país produziu 42% a menos que no mesmo mês de 2008 e ficou no mesmo nível de março.

O setor enfrenta dois problemas: a demanda interna despencou desde novembro e as exportações caíram drasticamente. As vendas das usinas caíram 46% de janeiro a abril, sobre um ano atrás em aços planos, e 36% em material longo. Ao mesmo tempo, as exportações caíram tanto para material laminado como para semi-acabados (placas e tarugos) por conta da depressão dos mercados americano, europeu e latino-americano, principalmente.

Segundo Azevedo, historicamente, é a primeira vez que isso ocorre no setor no país. Em outras crises, as usinas compensavam a retração interna com maior exportação, mesmo com margens menores. O Brasil exportava entre 30% e 40% do que fabricava. "Agora, o mercado externo não existe, pois encolheu mais que o nosso, que ficou sem condições de absorver todo esse excedente. Para piorar, enfrentamos a concorrência externa desleal com subsídios e preços predatórios", diz.

Para o dirigente, toda a cadeia produtiva do aço tem de estar protegida numa crise como essa - de itens como matérias-primas e insumos a bens finais. "Não adianta dar incentivos (redução de até 7% do IPI) para produção de automóveis e eletrodomésticos, manter 35% de alíquota para importação de autopeças e insistir com alíquota zero para vários tipos de aço", afirma. Ele informa que 13 países no mundo já adotaram medidas de proteção de seus mercados, entre eles EUA, Índia, Rússia, Turquia e países da União Européia.

O IBS lembra que as empresas do setor, por conta da crise e da paralisação de unidades produtivas, já cortou mais de 10 mil pessoas, das 120 mil que empregava. Além disso, os projetos de expansão e de novas usinas, com exceção daqueles que estavam em estágio avançado, foram todos postergados para além de 2012. O total de investimentos era de US\$ 39 bilhões, para dobrar o tamanho, sobre as atuais 41 milhões de toneladas. A produção, neste ano, na melhor das hipóteses, pode atingir 26 milhões de toneladas - retração de 25%.

A Usiminas diz que mantém a expansão da linha de chapa grossa em Ipatinga, com alta tecnologia da Nippon Steel, com 500 mil toneladas. O alvo desse produto é o mercado do pré-sal, que precisará de material ultraresistente nos poços. Dois outros projetos (laminador de tiras a quente e nova linha de galvanizado) também serão completados.

Já a Gerdau congelou o plano de fazer 900 mil toneladas de chapa grossa, assim como outras projetos no país. O grupo não concedeu entrevista ao Valor.

A Usiminas, todavia, deverá adiar, para depois de 2013, a nova usina de aço ao lado de Ipatinga. Da mesma forma, CSN e ArcelorMittal. Outros projetos, informa o IBS, foram congelados com a crise.

VEÍCULO: O Globo

Seção: Economia

Autor: Sueli Cotta Da CBN

Data: 27/05/2009

Título: Usiminas demitirá 860 pessoas em Minas e SP

Demanda por produtos siderúrgicos recuou no mundo. Empresa já fizera demissões este ano

BELO HORIZONTE. A siderúrgica Usiminas vai demitir 810 funcionários. Os cortes vão ocorrer nas usinas de Ipatinga (no Vale do Aço, leste de Minas Gerais) e Cubatão (São Paulo) e na sede administrativa, em Belo Horizonte. Desse total, 516 funcionários se inscreveram no programa de demissão voluntária, iniciado em abril. Segundo a Usiminas, as demissões serão feitas até o dia 30.

Os 810 postos representam 6% do quadro de empregados. A crise econômica é o motivo das demissões. A empresa afirmou que os cortes foram necessários devido à retração na demanda por produtos siderúrgicos em todo o mundo. A Usiminas vai oferecer gratificações financeiras para diminuir o impacto social das demissões.

A empresa é a maior produtora de aços planos do país. O produto é usado em diversos ramos da economia, de construção civil a eletrodomésticos. Mas 23% da produção vão para a indústria automobilística, que no exterior ainda está bastante afetada pela crise. A empresa não informou quantas demissões serão feitas em cada unidade.

Segundo o Sindicato dos Metalúrgicos de Ipatinga, somente no Vale do Aço a empresa demitiu 2.200 metalúrgicos neste ano. A Usiminas diz que foram dispensados 332 trabalhadores nos quatro primeiros meses do ano.

VEÍCULO: Valor**Seção: Economia****Autor:** Reuters, de São Paulo**Data:** 27/05/2009**Título: Usiminas amplia corte de pessoal com 810 demissões**

O grupo siderúrgico Usiminas vai demitir 810 funcionários até o fim do mês, elevando para cerca de 2.000 os cortes de vagas desde dezembro. A nova leva de redução de custos acontece após a empresa ter oferecido um programa de desligamento voluntário (PDV) que não atingiu a meta prevista inicialmente.

A companhia, que entre dezembro e fevereiro demitiu 700 funcionários de um total de cerca de 30 mil, informou que os novos cortes ocorrerão nas usinas de Ipatinga (MG), Cubatão (SP) e na sede, em Belo Horizonte.

O programa voluntário de demissão, aberto em 4 de maio e finalizado na sexta-feira, recebeu adesão de 516 empregados dos três locais alvo dos novos cortes.

"O número de adesões ao PDV foi considerado aquém das necessidades da empresa. Por isso, a siderúrgica terá que ampliar a adequação em seu quadro de pessoal. A iniciativa visa ajustar o custo de pessoal ao contexto econômico de severa retração na demanda", informou a Usiminas em comunicado.

Em março, o presidente-executivo da companhia, Marco Antônio Castello Branco, havia afirmado que a empresa operou o primeiro trimestre com 50% de sua capacidade produtiva, contra níveis acima de 90% antes do agravamento da crise financeira internacional em setembro. Na ocasião, o executivo não excluiu chance de novas demissões além das 700 já feitas até o fim de fevereiro.

Os novos cortes têm como meta reduzir os custos com pessoal a nível histórico de 10% dos custos totais. Atualmente, a Usiminas opera com dois altos-fornos ligados de um total de cinco.

"Até o momento, mais de 300 ações (de reduções de custos) estão em curso nas usinas, com potencial para gerar economias anuais de até R\$ 1,2 bilhão", afirma a Usiminas no comunicado. "As perspectivas para o restante do ano apontam para uma recuperação do setor siderúrgico ainda incipiente e bem mais lenta do que o originalmente previsto", completou a empresa. Os novos desligamentos na companhia, que serão realizados até sábado, representam 6% do quadro de empregados atual, informou a empresa.

Reportagem publicada ontem pelo Valor mostrou como a empresa está sendo afetada pela importação de chapas grossas, principalmente da China. No primeiro

quadrimestre do ano, o volume importado representou cerca de 28% do consumo interno. Há um ano, esse índice era de 11%. Segundo o Instituto Brasileiro de Siderurgia (IBS), a importação somou 73 mil toneladas no período este ano, contra 69 mil toneladas entre janeiro e abril de 2008.

VEÍCULO: Valor**Seção: Economia****Autor: Francisco Góes, do Rio****Data: 27/05/2009****Título: Vale lutará por redução na faixa de 20% a 30%**

A Vale, a maior produtora mundial de minério de ferro, deverá negociar reduções entre 20% e 30% nos preços dos contratos com os clientes, abaixo do corte de 33% fechado pela australiana Rio Tinto com as siderúrgicas japonesas, segundo projeções de analistas do setor de mineração. O Bank of America Merrill Lynch prevê que a Vale poderá conseguir uma redução de preço para o minério menor do que a Rio Tinto. O cenário mais provável, segundo relatório do banco, é de uma queda entre 25% e 30%.

A maioria dos analistas ouvidos pelo Valor projetam reduções de preço nesse patamar para o minério da Vale. A Goldman Sachs, por exemplo, situa-se no patamar superior desse intervalo, com uma projeção de corte de 30% nos preços. Gilberto Cardoso, analista da Banif Securities, disse que o corte de preço negociado pela mineradora poderá situar-se entre 20% e 27,5%.

Procurada, a Vale informou, por meio de sua assessoria, que ainda não havia sido informada (oficialmente) sobre o acordo entre a Rio Tinto e os japoneses, liderados pela Nippon Steel, e que, portanto, não teria comentários sobre a fazer sobre a negociação.

Luciana Leocádio, analista da Ativa Corretora, avaliou que o acordo servirá de parâmetro para a Vale negociar. Em 2008, a Vale conseguiu um aumento de 65% enquanto Rio Tinto e a BHP Billiton, que fecharam mais tarde os acordos de preços no ano passado, obtiveram aumentos de 85%. O acordo anunciado pela Rio Tinto com as siderúrgicas japonesas foi o primeiro declínio de preços em sete anos como resultado da recessão mundial, que reduziu a demanda.

Germano Mendes de Paula, professor do Instituto de Economia da Universidade Federal de Uberlândia, disse que a redução de preço acertada pela Rio Tinto ficou dentro das expectativas do mercado. "A questão agora é saber se o país que é o grande comprador de minério, a China, se pautará pelo corte negociado com os japoneses ou se vai pressionar por uma redução maior", disse Mendes de Paula. O que está em jogo, segundo ele, é a sobrevivência do sistema de referência de preços, o "benchmark", pelo qual o primeiro acordo de preços era seguido pelo restante da indústria.

Um analista que preferiu não se identificar disse que 2009 marca uma transição na forma de precificar o minério. Essa mudança sinaliza, segundo ele, para a coexistência de dois ou três mecanismos de preços. A Vale já admitiu que outras alternativas de precificação, além do "benchmark", estão surgindo. Uma delas é o uso de preços provisórios. Nessa condição, a empresa vem vendendo minério neste ano com desconto provisório de 20% para usinas da China com as quais tem contrato.

Felipe Hirai, do Bank of America Merrill Lynch, disse, em relatório, que o sistema de referência de preços é menos relevante hoje com os produtores se movendo para o mercado "spot" (à vista). Hirai também afirmou que ainda não está claro se as siderúrgicas chinesas vão aceitar o acordo feito com os japoneses. As siderúrgicas chinesas pressionam por um corte de preços maior, na faixa de 40% a 50%. Um analista disse que a Vale ainda deverá esperar para ver os preços que as mineradoras australianas conseguirão fechar com os clientes chineses. **(Com Bloomberg News)**

VEÍCULO: Folha de São Paulo

Seção: Economia

Autor: DA SUCURSAL DO RIO DA REPORTAGEM LOCAL

Data: 27/05/2009

Título: Vale corta 300 e Mercedes dá licença a 1.000

As empresas exportadoras estão entre as mais afetadas pela crise no Brasil. Ontem a Vale anunciou que vai demitir, em junho, cerca de 300 funcionários em todo o país. Segundo a empresa, os demitidos serão empregados próximos da aposentadoria.

A empresa alega que a decisão é um ajuste natural ao atual ritmo de produção mundial. A empresa informou que a decisão não afetará os 1.300 funcionários da Vale colocados em licença remunerada no final do ano passado e que vão retornar ao trabalho na segunda-feira.

Além dos 1.300 funcionários em licença e dos 5.500 que estiveram em férias coletivas, a Vale demitiu 1.300 no final do ano passado. A empresa tem 62 mil funcionários no mundo -47 mil no Brasil.

Já a Mercedes-Benz, fabricante de caminhões e ônibus de São Bernardo do Campo, deu licença remunerada para cerca de mil trabalhadores da produção desde ontem até o dia 1º de julho. Segundo o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC (ligado à CUT), a licença foi adotada por causa da redução nas exportações. A unidade emprega 12 mil pessoas entre horistas e mensalistas.